

RENATO IZIDIO DA COSTA

## A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS BILÍNGUE

Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de Pós Graduação Lato Sensu. A Arte de Contar Histórias: Abordagens poética, literária e performática. Orientadora: Prof. Ms Leticia Liesenfeld Erdtmann.

### RESUMO

O objetivo desse artigo é discutir o uso da contação de histórias usando como fonte de estudos a língua portuguesa e língua inglesa num processo bilíngue, evidenciando claramente a narrativa bilíngue na contação de história para qualquer tipo de público. Além disso evidenciar aspectos, técnicas e sugestões a partir de minhas vivências que contribuem na facilitação e no entendimento e na maneira da preparação e prática desse ato tão pouco praticado por contadores e qualquer pessoa que tentam o experimento. Assim o artigo pretende mostrar as capacidades e desafios de uma pessoa ao narrar uma história.

Palavras-chave: Linguagem. Narração Bilíngue. Experiência.

Faculdade de Conchas – Pólo A Casa Tombada

São Paulo 2018

## **O TRAJETO**

Tudo começou ainda criança, era comum todos os meses de julho ir para fazenda dos meus avós passar férias escolares junto com irmã tias e primos. Era tudo muito intenso, afinal quando se juntavam para fazer algo, fazíamos, as vezes nem tínhamos nada programado. Lembro que esperávamos o ano inteiro afim de poder descobrir o que meus avós iriam propor de diferente para que quando chegássemos naquele lugar curtíssemos os momentos. Cada dia, cada ano era uma surpresa. O que mais nos deixava impactados eram a histórias que meus avós contavam durante todas as noites no quintal da casa antes de dormir, já que na época não tinha energia e nenhuma outra forma de entretenimento. Sob a luz das lamparinas, vovô dava vida a coisas, animais e a seres que nem existiam e que para nós era como se cada história fosse mais real possível.

Com o tempo fui percebendo que a maneira que meu avô contava histórias era tão singular e perfeita que começava imaginar como seria se eu contasse as histórias que ele contava para gente; Acredito que meu fascínio com a contação de histórias começa por aí, pois sem recursos ou elementos e através da descoberta e da maneira linear que eram postas as histórias ainda quando criança, notava um delírio, prazer e a vontade da reprodução ou do reconto que poderia ser praticado quando crescesse um pouco.

Enfim depois dessa longa trajetória de vivências e experiências percebo que o tempo faz com que enxerguemos várias perspectivas sobre o ato, o ofício, a maneira os recursos, a forma, o prazer, os desafios de contar ou ouvir histórias.

## **A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS BILÍNGUE**

Por meio dessas inquietações que me fazem buscar perguntas, respostas ou talvez apenas questionamentos em torno do desconforto ou do que pode ser novo (visão individual) para aqueles que nunca experimentaram esse caminho. Chego aqui para conversar com vocês sobre uma provocação o qual tem me feito ir além sobre a maneira de contar histórias usando a narrativa bilíngue como eixo primordial nessa trajetória.

Para iniciar esse dialogo abertamente com vocês é possível começar com uma simples pergunta sobre o que é linguagem?

Para muitos poderia ser uma pergunta extremamente fácil já para outros uma pergunta que correlacionava com a mesma de – O que é a vida? Difícil e complicado de explicar ou entender.

Pensando nesse pressuposto fica claro pensarmos no conceito de linguagem de uma forma bem simples conforme Sapir (1929:8):

“A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos. Tal definição ainda nos provoca o efeito que se é totalmente claro se comunicar pela linguagem sem nenhum desses motivos. Por outro lado há muitos sistemas de símbolos totalmente precisos e que muitas vezes consideramos como linguagem de maneira metafórica. Linguagem corporal por exemplo o indivíduo faz o uso de gestos, olhares e posturas e assim defendo o ponto de vista de Sapir, pois trata se de um condicionamento totalmente humano e não instintivo.

Antes de qualquer eventualidade, é importante destacar que o principal veículo da comunicação é sem dúvida a linguagem verbal e essa está totalmente atrelada ao pensamento enquanto meio de expressão de uma sociedade estruturada. A articulação da linguagem na comunicação verbal, observa a inter-relação de vários fenômenos agindo simultaneamente para a produção da linguagem.

Sendo assim, podemos dizer que não há comunidade sem comunicação. É através da linguagem oral e escrita que expressamos nossos anseios e estabelecemos vínculos com nossos semelhantes.

É de suma importância entender e considerar que vivemos em uma época marcada por desafios e dificuldades gerados constantemente pelo processo de globalização vinculado principalmente a explosão tecnológica, fica difícil falarmos de linguagem e não fazermos uma distinção entre linguagem e língua, uma vez que uma língua não é apenas um conjunto de regras que necessitam de memorização, esse sistema de identidade vai muito além desse conceito que na sua totalidade é muito falho. A língua é um poderoso instrumento que as civilizações utilizam há séculos em prol da própria sobrevivência, pois é através dela que interagimos com o mundo, que estabelecemos vínculos e que

garantimos uma solidez no que diz respeito à troca de informações e também na absorção de alguns conhecimentos.

Pegando esse conceito de língua friso a importância de hoje, na contemporaneidade, aprender uma língua principalmente se for estrangeira deixou de ser um artigo de “luxo” ou de ser apenas uma mera forma de adquirir conhecimentos culturais. Pois é visível numa narrativa a língua tem o poder fundamental e importante na estruturação de diálogos, na comunicação com textos, ouvinte e na própria facilitação do entendimento em alguns casos. A língua falada não é estática e deve ser estudada de acordo com suas variações naturais, de acordo com sua evolução, do lugar onde esteja inserido, da pessoa com quem você está em contato.

Dominar uma segunda língua (como o Inglês por exemplo) é ter a chave para um mundo muito mais amplo e cheio de possibilidades, o que contribui e muito para nossa formação humanística em todos os sentidos, tendo em mente que essa língua ainda pode ser decisiva para o sujeito se destacar no atual contexto globalizador, cenário esse que exige muito mais destreza e uma mente flexível e que trabalhe em consonância com o mundo.

### **O PRINCIPAL PROBLEMA DO NARRADOR SERIA O DOMÍNIO DA LÍNGUA?**

A oralidade sem dúvida é um dos elementos mais fortes que o indivíduo pode usar para convencer, falar e até mesmo se comunicar. Falar de maneira “dita correta” sempre foi uma das grandes preocupações dos brasileiros. Uma vez que muitos linguistas afirmavam que existe uma ideologia linguística que não é oficializada, mas que ao longo do tempo se instaura na sociedade. Em qualquer tipo de comunidade humana existe um grupo que detém o poder e que considera que seu modo de falar é o mais interessante, o mais bonito, é aquele que deve ser preservado e até imposto aos demais.

Quando pensamos na qualidade de um narrador que fará o uso da narrativa em duas línguas, o mesmo deve se preocupar com a maneira de se conduzir a fala além é claro da maneira como vai dominar a outra fala.

Domínio da língua inglesa seria um dos motivos que podem agravar esse conjunto pois se pegarmos dados das poucas pessoas falam inglês no Brasil

cerca de 5% Há quem use o inglês para sobrevivência e há para quem use como forma de implementação de renda De acordo com uma pesquisa de 2012, da British Council, uma organização internacional para relações culturais e oportunidades educacionais, apenas 5% dos brasileiros falam Inglês. Em outro levantamento, a organização internacional EF Education First classificou o Brasil em 38º lugar no Índice de Proficiência em Inglês 2014.

Em consideração a isso, temos por base um nativo brasileiro que queira aprender inglês, esse Brasileiro não pode em todos os momentos se apoiar em sua estrutura linguística nativa, porque a Língua inglesa diferentemente do Português é uma língua não fonética no sentido de possuir resultados sonoros distintos. O aluno deve aproximar o que está escrito com o conhecimento que ele adquire ao longo do tempo, ele também não pode esquecer de que muitas palavras grafadas quase que identicamente possuem conotações e pronúncias diferentes, nesses casos os falantes nunca devem buscar a pronuncia da palavra a partir do que está escrito como no caso do Português.

## **ABORDAGENS E REFLEXÕES NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS BILINGUE**

Durante algum tempo tenho percebido diferentes visões no estudo da língua, quando iniciei meus estudos na cidade de Goiás ainda na universidade vi o quão a língua inglesa atualmente é considerada uma língua universal, facilitando assim o processo da comunicação.

Se parássemos para pensar no processo histórico da língua inglesa, notaríamos que desde a antiguidade nota se que é uma história muito complexa e que vem sofrendo várias adaptações e transformações até chegar ao seu estágio final.

A história da língua inglesa inicia-se basicamente com a ruptura entre as ilhas britânicas e o continente Europeu por volta de 7.000 anos isolando alguns povos que lá viviam, verifica-se que nesse período, já havia povos nas ilhas britânicas antes mesmo da era do gelo e com a separação das ilhas britânicas com o continente, pudemos perceber alguns movimentos conturbados o qual caracterizavam o período da Idade Média na Europa. Verificam-se os povos celtas como um dos fundadores da Inglaterra. A partir de 1.000 a.c depois de muitas migrações, vários dialetos surgem como, por exemplo, os celtas,

tornando um grupo de línguas distintas já que originaram presumivelmente de populações que já habitavam a Europa. Os Celtas chegaram a ser um dos grupos principais de línguas na Europa antes de ser assimilado pelo Império Romano.

Nota-se que através desse processo da formação dos símbolos e ou (gráficos) muitas pessoas se beneficiaram para se comunicar, algumas cidades usaram o mesmo símbolo para aprender e reforçar o conhecimento e acrescentar suas próprias contribuições, os celtas geralmente não tiveram a preocupação de inventar uma língua nova, apenas usou a e reforçou ou até mesmo adaptou com sua própria língua.

Algumas línguas tiveram dificuldades nessa adaptação da língua nova, ou seja a língua inglesa, pois não conseguiam fazer a padronização entre vogais e consoantes. Algumas línguas por possuírem muitos fonemas não puderam conter à padronização e assim notamos resultados sonoros diferentes, segundo aponta (Diamond,1999), que no inglês podemos notar 40 fonemas e geralmente é apresentado por apenas 26 letras.

Com o passar do tempo nota-se que o inglês passa a ser uma das línguas mais importantes no mundo, seja para comunicar-se, falar, e até mesmo a negócios entre outros países. Com essa importância é que o inglês passa a ser uma língua mais falada, alguns países não poderiam ficar sem falar ou até mesmo aprender esse idioma, a partir daí surgem grandes motivações em se aprender uma nova língua.

Com esse processo de unificação da língua inglesa num âmbito universal, verifica-se após a revolução industrial que tudo muda, pois os transportes surgem com mais tecnologias, a comunicação, é notório observar que as pessoas tornam-se mercês da tecnologia. Portanto verifica-se que diante desses fatores ficava muito restrito a comunicação de pessoas de outros países seja na parte oral ou na parte escrita, pois a maioria dessas pessoas usavam a sua língua, e que somente em algumas exceções usava-se o inglês como sendo a segunda língua, haja vista que a língua oficial era o Francês como aponta (Doren,1992).

É possível observar que a presença de signos na vida de um ser humano vem desde criança até mesmo quando se é adulto, pois haja vista que quando as palavras são ditas por uma criança, elas recebem algumas características sejam

na parte emotiva e até mesmo diante do discurso interno, pois vale lembrar que o discurso interior com base no processo da escrita é tão importante que quando qualquer indivíduo tenta escrever as primeiras ideias, ele repete, se omite, na tentativa de procurar uma compreensão daquilo que está tentando escrever.

Pensando nesse recurso da oralidade que surgem as necessidades de dialogar com a criança a fim da comunicação seja por meio da fala, música, histórias. E é a partir dessas habilidades que permeiam e instigam os educadores a fim de buscar métodos que facilitam o aprendizado a comunicação e/ou gosto pela língua.

Diante das abordagens e os fatores mencionados como sonoridade, fonemas e domínio, resolvi ativar esses itens na prática, a fim de obter respostas para aquilo que me intrigava. No ano de 2017 quando fui para a cidade de Cape Town (Cidade do Cabo) África do Sul e narrei algumas histórias em inglês e ao mesmo tempo misturei a minha língua nativa, mesmo sabendo que o maior dialeto lá falado era o inglês e o afrikans. Durante todas as minhas experiências pude constatar que o público recebeu de forma bem prazerosa e aberta as histórias que levei. Foram dois pontos o qual foquei a fazer as narrações – 1 a escolha da história foi essencial -2 a maneira que escolhi contar ou até mesmo o planejamento usando as duas línguas me ajudou e muito – com uso de roupas, corpo boa pronuncia e alguns acessórios cênicos. Recordo me que alguns momentos a maneira com que comunicava usando as duas línguas escolhidas para as histórias era visível o entendimento do público através dos meus gestos, corpo e timbre da voz e pronúncia.

É possível que quem conta algo para alguma pessoa, tenha que ter em mente que a língua é decididamente um poder. É o poder de se definir alguém, sem deixar a esse alguém qualquer escolha no processo da sua própria definição, traduz claramente uma assimetria: o/a professor/a define o “bom” ou “mau” aluno; o/a poderoso/a classifica o/a subordinado/a; o/a legislador/a determina o aceitável – e em cada um destes atos há um poder desigual. É sempre o elemento dominante, o sujeito, aquele que detém a palavra e que pode definir e objetivar o outro.

Evidentemente que um dos estágios que implica ou inibe o falante de qualquer outra língua é o de aprender a maneira correta da pronúncia de palavras. A

pronúncia em inglês tem em si seus mistérios, mas o alfabeto fonético é fonte preciosa para auxiliar os estudantes. É muito comum ver alguém com um inglês altamente fluente mas com um forte sotaque de seu país de origem. E isso se deve ao fato do não-exercício da pronúncia em inglês correta desde dos primórdios da aprendizagem da língua, criando um vício de linguagem muito mais difícil de se tirar depois e é claro o entendimento de pessoas que não falam ou até mesmo que são de lugares diferentes podem se perderem com os sotaques e variações.

Portanto o contador tem que acima de tudo que assumir uma relação bem próxima com a língua desejada e a partir dos elementos com a ludicidade, corpo, espaço entre outros, assumir essa relação entre língua, corpo e poder – saborear a palavra faz se necessário.

### **CONTAR HISTÓRIA EM OUTRA LÍNGUA. COMO SERIA ISSO? QUAIS OS MECANISMOS DO CONTADOR?**

O ato de contar histórias vai além do prazer e da felicidade em que muitos contadores recebem. Contar histórias requer cuidado, dedicação e preparação. Algum tempo vivenciando essa trajetória, tenho usado ferramentas que me dão suporte desde a preparação, execução até no resultado final. Concentração e leitura minuciosa são dois fatores que me faz compreender e saber o que farei nos próximos passos. No ato do contar uso alguns elementos como: figurinos, bonecos, objetos etc, com a finalidade de dar uma consistência híbrida e sustentável ao momento. Diante de alguns experimentos, pude fixar e focar ainda mais nos elementos mencionados quando coloquei a contação de histórias ao processo bilíngue uma vez que pude perceber a grande assimilação e entendimento usando outra língua (inglês) como recurso para crianças brasileiras de todos os níveis sócio econômicos.

Vaid (2002), segundo o qual bilíngue é um indivíduo que possui conhecimento de e regularmente usa duas línguas, embora as duas línguas não precisem necessariamente ser usadas no mesmo contexto ou conhecidas no mesmo nível. Dificilmente um bilíngue consegue atingir um nível de proficiência na L2 (e nas demais línguas, no caso dos multilíngues) do mesmo modo como atinge na sua língua materna (L1) (GROSJEAN, 1998). A língua é composta por vários



componentes (sintaxe, semântica, discurso, entre outros) e engloba a compreensão e uso de quatro habilidades (leitura, fala, escrita e compreensão auditiva). Portanto, adquirir uma alta proficiência em cada um dos componentes e das habilidades é uma tarefa bastante complexa. A heterogeneidade na proficiência atingida nesses níveis decorre de vários fatores, dentre os quais citam-se a maneira e a idade com que adquirimos a L2, o contexto e a frequência de uso efetivo de cada um dos componentes e habilidades, a quantidade de exposição a ensino formal ministrado na língua alvo, bem como a distância estrutural entre a L1 e a L2.

Enquanto professor de escolas privadas da cidade de São Paulo pude perceber ao preparar aulas todas essas tentativas e mais os meus anseios em trabalhar de forma diferente na identificação e assimilação pela segunda língua em especial para o público infantil.

Segundo Bourriaud, as obras de arte tinham a intenção de estabelecer modos de comunicação com o (sentido do) divino, seguindo um papel de interface entre a mesma sociedade e as forças invisíveis ou superiores que regiam seus movimentos, posteriormente seguido no plano de explorar as possíveis relações existentes entre o homem e o mundo, tendência que foi desenvolvida em grande parte no Renascimento, hoje a prática artística centra-se na esfera das relações inter-humanas: as relações – reações que produzem com seu público, a produção de novos modelos de sociabilidade. Diante desses fatores, introduzi a narrativa bilíngue no contexto como prioridade de encantar e despertar o gosto das crianças em aprender a língua estrangeira (inglês) e se identificar com o eixo narrativo através da arte, do encantamento, da ludicidade e da “relação” entre sujeito- história e língua.

## **A CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS**

Podemos considerar que a narrativa e a ludicidade tem sido grandes instrumentos na contribuição das experiências dos professores a partir do segmento da arte de contar histórias.

De acordo com Tobim (1990) na contação e interpretação de histórias muitos professores enfrentam as identidades profissionais refletir no seu ensino.

Como arte educador ao longo de alguns anos venho guardando experiências com narrativas tradicionais e de diversas linhas. Recentemente tenho buscado contar histórias em outras línguas em especial a língua inglesa pois além de ser prazeroso tenho percebido que é uma área extremamente inovadora e contudo contemporânea. Na cidade de São Paulo pude visitar inúmeras escolas bilíngues inglês/português e que oferecem muitas atividades totalmente nessa perspectiva a fim de manter uma relação íntima e próxima com a língua. Outro fator visto nas escolas de grande porte em São Paulo foi o processo do “Story Telling<sup>1</sup>”, termo definido pelos contadores de histórias que fazem o uso desse processo narrativo para narrar suas histórias totalmente em inglês.

Acredito que o professor em primeiro momento quando vai entrar em contato com história, sua principal intenção é dar importância a imaginação pois é na história que a criança pode entender o quão é bom imaginar e a partir daí a criança não estará atenta apenas no enredo da história e sim no cenário, gestos, voz, texto e pensando no processo de ensino aprendizagem a crianças estará inteiramente ligada e focada no que será transmitido e assim essas vivências fixarão na memória do aluno, fazendo com que ele aprenda de uma maneira simples, clara, objetiva ou seja através de histórias, já que a criança está o tempo todo atenta a essas informações. Ouvir é importante.

## **O PROCESSO**

Sabemos que ao contar qualquer história o contador necessita de ferramentas que auxiliam nessa jornada, seja recurso de voz, roupa, corpo, figurinos etc. E umas das coisas que deixou com dúvidas ao longo do processo era o de como alguma criança que nunca teve contato com a língua estrangeira poderia ter o mesmo entendimento que outra pessoa que já tem o domínio da língua, seja por meio de aulas particulares, cursos de idiomas etc.

É a partir de alguns teóricos que me fazem ter um direcionamento pois na teoria Socio interacionista de Vygotsky podemos afirmar que a linguagem é tida através

---

<sup>1</sup> Muitos contadores de histórias usam o termo para designar a (contação de histórias) em inglês mas que também o storytelling pode ser utilizado como estratégia de marketing, para motivar os colaboradores internos de empresa, para ajudar no lançamento de produtos ou serviços, para auxiliar campanhas de publicidades, entre outros.

da interação do indivíduo em contato com o outro e até mesmo com o mundo. Segundo ele 1987, a linguagem exerce função interativa e comunicativa passando assim a obter um desempenho fundamental na constituição da consciência e do pensamento do homem. Ela realça os aspectos socioculturais no desenvolvimento das funções superiores como atenção, percepção, orientação, memória entre outras, assim mostrando a grandiosa importância de uma possível aquisição de signo pelo homem. Percebemos diante da visão de Vygostky que desde o início do desenvolvimento da linguagem de uma criança observa-se que a troca feita seja ela por sentidos, gestos, oralidade com outras crianças faz-se o processo de interação e firma-se uma internalização da linguagem inserindo o indivíduo como sujeito na sociedade.

E pensando no processo de dramaturgia, língua, linguagem alguns autores afirmam que tanto a língua escrita quanto a falada apresentam formas distintas de expressão, o qual a língua falada remete a uma comunicação imediata enquanto a língua escrita é utilizada para comunicar se através do tempo e do espaço, Vigotsky afirma que a escrita nada mais é do que a representação simbólica da realidade e que é necessário o desligamento dos aspectos sensoriais presentes na fala substituindo-as por palavras e signos quando for partir para a escrita. Para ele a escrita é um fator extremamente importante na vida de todos os seres humanos.

Aprender a escrita é estar inserido dentro de um processo o qual a partir dele observamos o contato da criança com o mundo. Para o autor a escrita pode ser considerada uma fala sem a presença do interlocutor, o processo de escrita precisa ser direcionado, contextualizado, para que o educando tenha um desenvolvimento produtivo, a escrita não deve ser dirigida sem qualquer noção do assunto abordado por parte do escritor.

E é nesse contexto que a escrita tem assumido um papel importantíssimo no que diz respeito ao ato comunicativo, seja ele nas formas mais tradicionais ou até mesmo nas formas mais automatizadas. A escrita possibilita a interação entre os homens mesmo diante de tanta parafernália tecnológica, ou seja, ela não morre mesmo diante de tamanha evolução, que de certa acaba distanciando os seres devido a maneiras alternativas de comunicação.

E retomando a dramaturgia como elemento ou ferramenta que contribui no entendimento ou ajuda na contação de histórias a escrita sem dúvidas foi a

invenção mais perfeita criada pelo homem nos últimos anos, foi através dela que diversos ramos do conhecimento se perpetuaram ao longo da história. Antes dela, quase que todo conhecimento e toda forma de expressão se perdia justamente pela falta de um registro sistemático, uma vez que toda forma de comunicação era transmitida de forma oral criando de certa forma alguns limites na comunicação.

Um nativo em contato com a combinação gráfica de outra língua encontra quase que sempre uma grande dificuldade em pronunciar corretamente os sons, essa barreira se dá por ele se apoiar em sua própria língua, e muitas vezes esse indivíduo não faz uma reflexão de que cada sistema é único.

A preparação e o ato de narrar

Saussure ao discutir a articulação da linguagem na comunicação verbal, observa a inter-relação de vários fenômenos agindo simultaneamente para a produção da linguagem, ou seja a entrada em operação de um sistema composto por uma comunidade acústico vocal (som), aliada a uma unidade filosófico mental (ideia) de altíssima complexibilidade. Assim percebeu-se que a comunicação verbal se estabelece mediante um processo sinérgico, concentrando várias formas para um mesmo ponto a fim de se constituir em mensagem.

Narrativas são utilizadas extensivamente para a comunicação humana; tanto a compreensão como a produção oral e escrita de narrações constitui parte fundamental da nossa experiência. Desse modo, nossa experiência é altamente influenciada pelo ato de compreender e produzir narrativas, além disso, é um dos primeiros gêneros discursivos de que a criança lança mão.

Portanto diante do processo de narrativa, escolhas, temas e construções de viabilidade para o manejo na contação de histórias o que fica claro e perceptível no ato da narrativa em especial a contação bilíngue é que por mais elementos que estejam a sua volta, o mais importante é saber usá-los, saber pontuá-los e acima de tudo saber onde vou usar dentro de cada campo da história. Seja na língua nativa ou em qualquer outra linguagem, o eixo narrativo exige a preparação, habilidades, vontade e a execução, só assim a história chegará em diferentes espaços e pessoas;

## **DAS MINHAS IMPRESSÕES**

Todas às vezes que tenho contado histórias me preocupo primeiramente em saber das necessidades técnicas e dimensões do espaço físico dias antes. Diante das inúmeras barreiras que já passei, dos percalços que vi de amigos e contadores de histórias, percebi que é necessário ter o cuidado em fazer uma visita se possível ligar para saber sobre os itens disponíveis e se for o caso até solicite um mapa do local à ser usado. É visível que muitas vezes essas condições externas não vistas pela pessoa que vai contar, pode contribuir e muito para o fracasso das histórias e do próprio contador que vai narrar. Nesses últimos tempos vejo a dificuldade e o quão é desafiador esse processo ainda mais quando dispomos usar recursos (novos) que no caso é o uso da língua inglesa. Para visão de uma pessoa que conta as histórias em outra língua é um tanto quanto trabalhoso principalmente se ele for bilíngue pois o ritmo da história deve se manter num mesmo nível uma vez que a tendência muitas vezes é mais complicada pois o interlocutor pode se perder facilmente, principalmente se aquele nunca tiver contato com a língua que é contada. Partindo desse princípio e no ofício da contação de histórias usando a narrativa bilíngue, tenho me lançado a cada dia a cada história para tentar quebrar barreiras, descobrir meios e maneiras que contribuem para o processo de entendimento de ambas as partes. É diante dos elementos que citei nesse texto que tento usar como aliado é objeto de interação e relação do sujeito e história.

### **O QUE FICOU...**

Durante dois anos tive o contato e a experiência em poder ter feito parte da turma de pós graduação na arte de contar histórias realizado pela Facom (Faculdade de Conchas) na casa tombada em São Paulo. Nesse tempo pude aprender e compartilhar muitos processos com os colegas de cursos e claro que dialogamos diferentes perspectivas e ultrapassamos inúmeros caminhos nessa rota que foi gigante. Um dos motivos que me instigou a busca pela contação bilíngue foi a tentativa de experimentar algo que era inédito tanto para os colegas da turma quanto para alguns professores, pois lembro que recebíamos visitantes, contadores de diferentes lugares do mundo e que sempre era muito visível grande déficit de pessoas preparadas para ouvir ou contar histórias usando diferentes línguas, chegava ser necessário em muitas vezes haver a tradução

simultânea para o entendimento por parte do público que ali visitava e que nunca tinha tido contato com histórias contadas em outras línguas.

Foi a partir daí que surgiu a vontade de aproveitar o que era prazeroso aliado ao lado financeiro, sabemos que falar línguas no Brasil tornou-se mais que uma necessidade, virou uma forma de empreendimento comercial, assim introduzi a na contação de história e vi que poderia passar não apenas como uma arte nova e sim uma grande fonte de renda, desde que iniciiei nesse ramo tenho tido muita procura, seja para escolas, professores e cursos de idiomas.

Enfim diante dessa viagem a qual tenho embarcado intensamente, observo que na maioria das vezes a maior dificuldade enfrentada desde quando comecei foi a de tentar ousar por uma língua que nem todos falam mas que é desafiante e instigador e que me faz buscar elementos todos os dias para dialogar com o sistema que estou inserido, cada dia é um novo dia, cada história será uma nova história e cada público será uma grandiosa surpresa. E através das histórias que tenho narrado em inglês, em especial para o público infantil, estou jogando e me arriscando, levando entretenimento e acima de tudo estou ensinando seja vocabulário, pronúncia ou até mesmo o gosto em querer aprender uma segunda língua.

Portanto é imprescindível a busca constante pelo saber, visto que a pesquisa por novos temas, novas propostas e alguns recursos nos dizem o que devemos e por onde podemos seguir. Fica claro que durante todo esse tempo que venho permeando trilhas nesse caminho, tenho observado grandes êxitos a partir do uso da narrativa bilíngue. Desde então espero que essas espinhas que atravessam meu caminho e que dão nó na minha garganta possam servir também como base de questionamentos para futuros contadores buscarem ou tentarem obter respostas, acredito que essa área será muito bem usada futuramente por professores, artistas e contadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS E BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

[HTTP://WWW.UNIFIA.EDU.BR/PROJETOREVISTA/EDICOESANTERIORES/AGOSTO09/ARTIGOS/EDUCACAO/ESCRITAEMLINGUAINGLESA.PDF](http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/agosto09/artigos/educacao/escritaemlinguainglesa.pdf)

FILHO, José Carlos P. de Almeida. O professor de Língua Estrangeira em Formação. 3ªed. Editora-Pontes, Campinas-SP.2009.

LEFFA, V. J. O ENSINO DE LÍNGUAS NO CONTEXTO NACIONAL. *CONTEXTURAS*, APLIESP, N. 4, P. 13 - 24, 1999. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.LEFFA.PRO.BR/TEXTOS/TRABALHOS/OENSLE.PDF](http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf). ACESSO EM 10 DE JANEIRO DE 2018.

\_\_\_\_\_. **COMMUNICATIVE APPROACH – ABORDAGEM COMUNICATIVA**. ENGLISH MADE IN BRAZIL. JUL. 2007A. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.SK.COM.BR/SK-COMM.HTML](http://www.sk.com.br/sk-comm.html)>. ACESSO EM: 27 JANEIRO DE 2018.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

MUSSALIM, FERNANDA E BENTES, ANNA CHRISTINA (ORGS.), ET ALL. INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA: DOMÍNIOS E FRONTEIRAS - V.2. 2. ED. – SÃO PAULO: CORTEZ, 2001.

SAUSSURE, F. DE. CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL. SÃO PAULO: CULTRIX/EDUSP, 1969.

***BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras n.01, dezembro de 2011 - Eliana Santos de Souza e Santos1***

[http://www.babel.uneb.br/n1/n01\\_artigo04.pdf](http://www.babel.uneb.br/n1/n01_artigo04.pdf)

OLIVEIRA, L. E. M. A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de

inglês no Brasil (1809-1951). 1999. 194 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) –

.Faculdade de letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html>>. Acesso em: 03 março de 2018.

[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/24\\_Sidclay%20Ferreira%20Maia.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/24_Sidclay%20Ferreira%20Maia.pdf)

[HTTP://WWW.ANPAP.ORG.BR/ANAIS/2013/ANAIS/SIMPOSIOS/09/JOICE%20HENCK.PDF](http://www.anpap.org.br/anaais/2013/anaais/simposios/09/joice%20henck.pdf)